

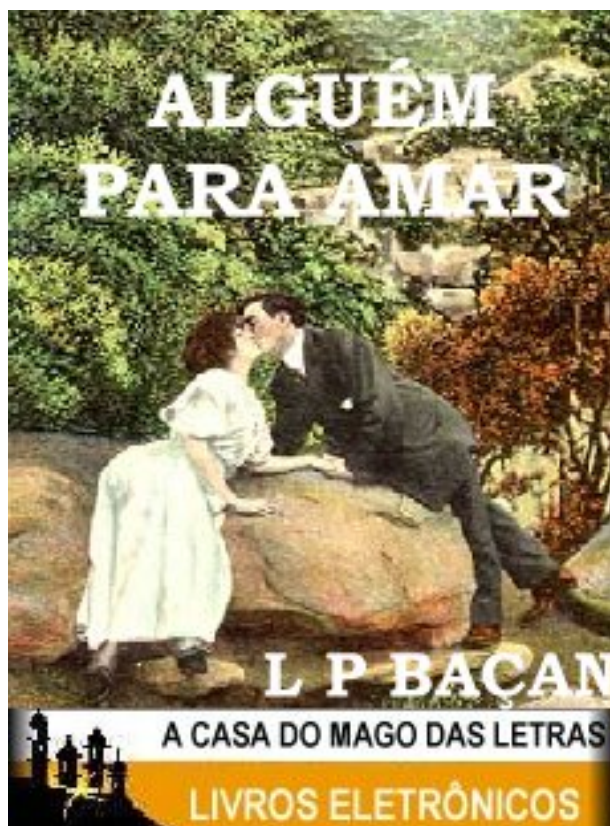


Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



Capítulo 1

Silas Pereira chegou extenuado em seu apartamento. Havia sido um dia puxado em uma firma especializada em projetos de engenharia. Silas era desenhista e por suas mãos passavam a maioria das plantas de novas casas e edifícios construídos em Londrina, no Paraná. Naquele dia, em particular, havia completado todos os detalhes de um novo prédio de apartamentos a ser construído. Por isso sentia-se terrivelmente cansado.

Suas costas doíam após o dia todo debruçado sobre a prancheta de desenhos e seus olhos ardiam pelo esforço excessivo. Assim que chegou, atirou seu paletó sobre o sofá e foi até a cozinha apanhar uma lata de cerveja na geladeira. Endireitou o corpo e caminhou até a janela. A noite estava quente e abafada. Silas abriu a janela e respirou fundo. Seus olhos passearam pelo prédio do outro lado da rua. Havia luzes nas janelas, e algumas, abertas, deixavam ver cenas familiares. Sem qualquer interesse, Silas continuou bebericando sua cerveja e olhando as janelas. Súbito, numa delas, destacou-se uma figura de mulher. Silas aguçou o olhar, pois teve a nítida impressão de que ela estava nua.

Foi apenas um momento. A figura cruzou rápido por uma das janelas e desapareceu. Silas continuou olhando por algum tempo, mas não a viu mais.

Voltou para a cozinha e apanhou outra lata de cerveja. Colocou comida congelada no microondas e programou-o. Enquanto aguardava a comida esquentar, voltou à janela. Seu olhar vagou pelo prédio em frente, sem que ele se lembrasse da janela onde havia visto a mulher. Sua cerveja terminava. Tomou o último gole e, quando ia voltar à cozinha, novamente viu a mulher.

Desta vez ela parou em frente à janela. Silas olhou com interesse. A mulher estava nua e parecia ter saído do banho, pois esfregava uma toalha em seus cabelos. Silas sorriu, divertido e excitado. O corpo nu do outro lado da rua era jovem, pouco mais de vinte anos, cabelos compridos e lisos, talvez porque molhados.

O que mais atraiu a atenção do rapaz, porém, foram aqueles seios firmes que oscilavam levemente enquanto a jovem esfregava os cabelos. Eram pequenos, Silas calculou que deveriam caber em suas mãos. Além disso, tinham uma beleza agressiva, levemente empinados. A garota nua, por algum motivo, pareceu notar a janela aberta. Calmamente ela a fechou, deixando Silas frustrado.

Ele voltou para a cozinha, quando ouviu a campainha do forno ao ser desligado. Serviu a lasanha a quatro queijos num prato, apanhou mais uma lata de cerveja e foi para a sala, sentar-se diante de sua prancheta de desenho. Enquanto comia, calmamente, procurando lembrar-se de cada detalhe, o rapaz traçou aquele perfil em diversos desenhos, deixando o rosto incompleto. Depois, sonhadamente, desenhou, em cada um dos perfis, um rosto diferente, incapaz de se lembrar de todos os detalhes do rosto que vira, já que sua atenção estivera toda voltada para os seios da garota.

Não soube quanto tempo esteve ali, debruçado sobre a prancheta. Quando deu por si, sentiu-se mais cansado que antes. Levantou-se e caminhou para o quarto, deixando os

desenhos na prancha. Após vestir-se para dormir, apanhou um livro e deitou-se. Não conseguiu, no entanto, ler nem adormecer. Seus pensamentos voltaram-se para aquela misteriosa mulher que vira. Quem seria ela? Como seria seu rosto? Viveria só? Era solteira? Casada? O que fazia ali?

As perguntas foram se multiplicando em sua mente, afastando o sono cada vez mais. Por fim, Silas desistiu de dormir, apesar de se sentir cansado. Voltou para a sala e postou-se em frente à janela. Com certa alegria, notou que a janela do prédio do outro lado estava novamente aberta. A figura feminina movimentava-se de um lado para outro. Silas acompanhava-a com os olhos, procurando perceber seu rosto, mas não o conseguia.

Após algum tempo ali, Silas deduziu que a garota morava sozinha. Ele não vira movimentação de ninguém mais, além dela. Isso lhe deu uma inexplicável satisfação, embora não pudesse explicar-se por que motivo. Seus pensamentos tornaram-se mais ousados. Passou a imaginar-se lá, no apartamento do outro lado da rua, junto daquela mulher sensual. Seria interessante vê-la movimentar-se de um lado para outro como ela fazia, acompanhar os movimentos suaves de seus seios, o oscilar de seus quadris, o deslocar de suas pernas esbeltas e bem torneadas.

Uma grande excitação dominou o rapaz. Fantasias dominavam sua mente. Não conseguia pensar em outra coisa. Aquela mulher o estava enfeitiçando, embora não soubesse nada sobre ela. Conhecê-la passou a se tornar um desejo febril, insistente. Vê-la de perto, tocá-la, acariciá-la, se possível tudo isso passava pelos pensamentos de Silas. O vulto feminino, após muito movimentar-se, parou novamente em frente à janela. Silas ficou em suspense, contendo a respiração. Com movimentos preguiçosos, a jovem desabotoou a blusa e atirou-se para um lado. Depois soltou o fecho da sala e deixou-a escorregar para baixo.

A seguir, sempre se movendo com lentidão, espreguiçou-se languidamente e pareceu caminhar para a janela. Silas desejou desesperadamente que ela não a fechasse novamente. A garota, no entanto, após olhar a rua, soltou a persiana, tapando toda a visão do rapaz. Silas ficou ali parado durante algum tempo, até que a luz que via pelas frestas da persiana foi apagada.

Depois, inquieto, voltou para a cama. Seus pensamentos eram confusos, em turbilhão. Sabia apenas que precisava fazer algo a respeito, embora não soubesse precisamente o quê. Lembrou-se, então, daquilo que seu amigos no escritório faziam. Sempre que tinham uma oportunidade de observar um corpo feminino através de uma janela, muniam-se de bom binóculo.

* * *

— E então, o que apuraram? — indagou o homem sentado atrás de uma pilha de fichas, numa das mesas de um carteadado clandestino, instalado nos fundos de um obscuro hotel da cidade.

Era Jorge Fonseca, o proprietário da casa de jogo e um dos homens mais importantes no submundo do crime da cidade e da região, Comandava o jogo, a prostituição, a distribuição de drogas e mais alguns negócios escusos. Os homens a quem se dirigira eram Lelo Calo e Daniel Graça, seus eficientes cobradores. Homens fortes, peritos no manejo de armas e

especialistas na difícil arte de cobrar bons perdedores e maus pagadores.

— Nossos homens na penitenciária estadual têm pressionado João Sansão, mas ele continua firme e recusa-se a falar sobre o roubo — informou Lelo Calo, o mais forte e violento dos dois.

— Que diabos! — esbravejou Jorge, esmurrando a mesa.

As fichas escorregaram para o chão. Lelo abaixou-se para apanhá-las, empilhando-as de volta na mesa.

— João Sansão me deve vinte e cinco mil reais e terá que pagar, nem que eu tenha que tirá-lo daquela penitenciária.

— João Sansão foi esperto e deve ter tramado algum bom golpe. Os cem mil daquele assalto que ele e seu parceiro fizeram naquela cidadezinha ainda não foram encontrados. João vai cumprir uma pena leve, apenas seis anos. Com bom comportamento, pode sair mais cedo. Quando isso acontecer, tenho certeza de que irá apanhar o dinheiro, esteja onde estiver — opinou Daniel.

— O que nos deixa amarrados é que seu parceiro naquele assalto morreu. João é o único a saber da localização de todo aquele dinheiro, o bastante para pagar-nos e ainda viver tranqüilamente com sua mulher. Falando nisso, o que apuraram sobre ela?

— Está morando num apartamento da Rua Pará, no centro da cidade. Mora sozinha e não recebe visitas nem telefonemas.

— Vive de quê? O que a mulher de um detento faz para ganhar a vida? — quis saber o chefe dos dois.

— Ela trabalha e parece que tem um bom salário até — informou Lelo Calo, brincando com a pilha de fichas que tinha feito.

— Se você fosse o João Sansão, contaria a sua mulher onde está escondido o dinheiro? — indagou-lhe Jorge.

— De jeito nenhum. Nem ele faria isso, patrão — apressou-se em dizer Lelo. — Seria um risco fazer isso.

— Mesmo assim, concentrem-se na mulher. Vejam se conseguem descobrir alguma coisa com ela.

— Certo, faremos isso hoje mesmo. Conheço o porteiro do prédio. Tem uma dividazinha com a gente e vai facilitar as coisas.

— Sim, boa idéia! Ser acordada no meio da noite deixa qualquer pessoa assustada. Mas sejam discretos nesta primeira visita. O bastante para deixá-la preocupada apenas, entenderam bem?

— Nem precisava dizer isso, patrão — respondeu Lelo, acenando com a cabeça para Daniel.

Despediram-se de Jorge e saíram.

— Vai se divertido desta vez. Estava cansado de lidar só com barbados — disse Daniel, assim que entraram no carro.

— Calma, não vamos assustá-la demais. Você ouviu o patrão — respondeu Lelo, pondo o carro em movimento.

— E daí? Ela está sozinha agora, vai ficar assim por um bom tempo. Quem sabe não esteja precisando de algum consolo e de um pouco de carinho? Eu também ando tão carente...

— Faça como eu disse. Você conhece nosso patrão. Vamos devagar, como sempre, e tenho certeza de que descobriremos alguma coisa importante. Vai ser bom para nós, porque o patrão anda azucrinado por causa dessa dívida.

O carro estacionou, algum tempo depois, em frente a um prédio na Rua Pará, no centro da cidade. Lelo e Daniel desceram e entraram. Falaram rapidamente com o porteiro, depois foram para o elevador. A mulher morava no sexto andar. Instantes depois, os dois estavam em frente à porta do apartamento dela. Daniel e Lelo vestiram suas luvas de couro. Não o faziam por precaução, mas simplesmente porque, um dia, assistiram a um filme de gângster americano e viram um pistoleiro fazer aquilo. Tornara-se para eles uma espécie de ritual, que dava um certo charme ao trabalho sujo que faziam.

Daniel Graça pôs o dedo sobre o botão da campainha e o deixou ali até que a porta se abrisse e o rosto sonolento e assustado de Edna Sansão surgisse.

— O que desejam? — indagou ela, surpresa.

— Queremos falar com você, queridinha! — respondeu Daniel.

Edna examinou os dois homens do outro lado da porta. Conhecia gente como eles, bandidos da pior espécie. Tinha certeza de que aquela seria uma desagradável visita, por isso empurrou a porta com força. O fato de terem passado pelo porteiro, sem que ela fosse avisado, dava uma boa idéia da força deles. Daniel antecipou-se a ela, colocando o pé entre a porta e o batente.

— Não adianta, moça. É melhor abrir — disse ele, olhando para a corrente de segurança que ainda retinha a porta.

— Saiam daqui ou chamarei a polícia!

— Com licença! — disse Lelo a Daniel, esticando o braço com força e atingindo o queixo de Edna.

A garota foi jogada para trás, enquanto Daniel jogava o corpo contra a porta, arrancando o conjunto que prendia a corrente com todos os seus parafusos. Antes que Edna pudesse esboçar qualquer reação, Lelo caiu sobre ela, tapando-lhe a boca e torcendo-lhe o braço para trás.

— Ouça bem o que lhe digo, moça! Não grite, não reaja e tudo acabará bem. Estamos aqui apenas para conversar, não se preocupe. Seja boazinha e nada lhe acontecerá. Entendeu o que eu disse?

Edna olhava-o com espanto, enquanto a mão forte dele pressionava-lhe os lábios.

— Vai ficar quieta? — indagou Daniel, com o rosto bem próximo do rosto dela, quase roçando seus narizes.

Edna fez que sim com a cabeça.

— Muito bem, boa menina — disse Lelo, soltando-a.

Assim que se viu livre, a garota recuou, até encostar-se à parede do outro lado da sala. Daniel e Lelo aproximaram-se, ameaçadores, abrindo e fechando as mãos enluvadas.

— O que desejam? — indagou ela, num fio de voz.

— Vamos ser claros, menina — falou Lelo. — Trabalhamos para Jorge Fonseca e aconteceu de seu marido perder vinte e cinco mil no jogo. Queremos receber, só isso.

— João está preso. Não tenho esse dinheiro...

— Sabemos disso. Acontece que João também roubou aquele carro-forte lá no interior.

Cem mil reais sumiram e até agora não foram encontrados. Presumo que apenas seu marido saiba onde ele está, já que foi o único a ser apanhado vivo, após o assalto.

— Não sei de nada sobre isso. Juro!

— Talvez devêssemos clarear sua memória, querida! — disse Daniel, calçando um soco-ínglês em sua mão direita e levando-a até perto do rosto de Edna, exibindo-o ameaçadoramente.

— Desculpe-me meu amigo. Ele é muito impaciente — falou Lelo. — No entanto, serei forçado a deixar que ele cuide da situação, caso você não colabore conosco.

— Já disse, não sei de nada. Não vi João desde que foi preso, nada sei sobre aquele dinheiro.

— Foi o que pensamos. Vamos, por enquanto, acreditar que você fala a verdade. Terá tempo para refletir sobre o assunto. Vamos lhe dar quarenta e oito horas de prazo, o bastante para que você pense melhor no assunto. Se precisar, fale com João, ele entenderá.

— Eu jurei não voltar a ver o João — disse ela, apavorada.

— Não seja sentimental demais. Ele é seu marido e você tem obrigações para com ele. Além disso, descubra onde está aquele dinheiro ou voltaremos aqui, após as quarenta e oito horas, e você se arrependerá disso para o resto da vida. Tem um rostinho muito bonito para ser estragado por isto aqui — falou Daniel, ameaçadoramente.

— Vão embora, por favor! — suplicou ela, trêmula e confusa.

— Já estamos de saída, meu bem — disse Lelo. — Pense direitinho no que lhe dissemos hoje. Quarenta e oito horas, é o tempo que você dispõe para descobrir aquele dinheiro. Basta apenas uma indicação, nada mais, e você estará livre de nós. Entendeu? — arrematou ele, agarrando-a pelo queixo.

Edna gemeu de dor e soluçou alto, quando Daniel girou-a com extrema facilidade, atirando-a de encontro a uma das poltronas. Sem mais uma palavra os dois homens saíram, deixando-a assustada e trêmula.

* * *

— O que você faria se descobrisse uma janela por onde se pode ver o mais belo corpo da cidade, Miguel? — indagou Silas a seu amigo, no dia seguinte, no escritório.

— Primeiro, eu não daria o endereço para ninguém.

— É o que vou fazer. E em seguida?

— Já tem um binóculo?

— Não, ainda não.

— Compre um, o melhor que tiver com potência total para trazer a imagem ao alcance de suas mãos. É tudo de que precisa para começar uma das aventuras mais emocionantes de toda a sua vida.

— Certo, e daí?

— Daí observe, tente descobrir o número do telefone dela, ligue para ela num momento de intimidade, compre uma câmara fotográfica com teleobjetiva, ou uma filmadora com zoom...

Enquanto Miguel falava, Silas estava pensativo, olhando pela janela do escritório. Aquela mulher o atormentara durante toda a noite, roubando-lhe o sono, povoando sua mente com as

mais fantásticas e excitantes fantasias.

— Silas, você me ouviu? — indagou Miguel.

— Ah, desculpe-me! Estava pensando em algo.

— Isso eu pude notar. Pensava nela?

— Sim, quero dizer, não...

— Espere aí, rapaz! Ela é tão fantástica assim?

Silas olhou sério para o amigo por algum tempo, depois balançou a cabeça num gesto de aprovação.

— Puxa, gostaria de conhecê-la!

— Nada disso, ela é minha. Eu a descobri primeiro

— Sua? Ainda nem chegou perto, amigo. Que pressa!

— Chegarei, pode deixar comigo.

— Então me dê uma dica. Como é ela, Silas?

— Se eu lhe contasse com palavras, você não acreditaria — disse Silas, abrindo sua pasta e mostrando os desenhos que fizera.

Miguel olhou-os, soltando um prolongado assobio.

— Sensacional, mas você disse apenas uma mulher...

— Na verdade é apenas uma. No momento eu não prestei atenção ao rosto, estava ocupado com as outras partes...

— Posso perfeitamente entender isso, homem. Que mulher deliciosa! Se o corpo dela for metade do que você desenhou aí, deve ser inesquecível mesmo. Uma modelo fotográfica, com certeza.

— Não se empolgue demais. Ela é minha, já disse.

— Está bem, está bem. Mas até que você podia me convidar para dar uma espiadinha, não?

— Ora, não seja obsceno — descartou Silas, sentindo-se estranho, como se o pedido de Miguel provocasse-lhe ciúme.

Naquela tarde, após o almoço e antes de voltar à firma, Silas passou por uma loja especializada em ótica e comprou um binóculo. Sentia-se sujo e depravado, mas não podia resistir ao impulso de observar aquele corpo mais de perto, notar os detalhes daquele rosto, familiarizar-se com cada polegada daquela pele que o fascinara.

Naquela tarde, pouco produziu no trabalho. Consultava o relógio a cada minuto, ansioso para que o tempo passasse depressa e ele pudesse voltar à janela e observar, desta vez mais preparado, aquele corpo feminino. Preocupado e ansioso, nada do que fazia parecia dar certo. Teve que repassar diversas vezes um simples desenho, mesmo assim, interrompendo o trabalho a cada minuto para olhar o relógio.

Capítulo 2

Edna aguardava na fila, juntamente com outras pessoas que desejam visitar os familiares, detidos na penitenciária estadual. Uma indescritível sensação de peso oprimia seu peito, observando os semblantes tristes e envergonhados das pessoas que ali estavam. Ela

detestava ter de fazer aquilo, mas estava assustada demais para não fazê-lo. João poderia ter a resposta que aqueles homens desejavam. Ela suplicaria, se fosse preciso, pois queria preservar, a todo custo, sua vida. Sabia que lidava com gente perigosa.

Ver João, após sua prisão, era tremendamente difícil para ela. Não que o amasse. O amor deixara de existir havia algum tempo, tão logo ela tomou conhecimento do tipo de homem que era seu marido. Nos primeiros tempos, João era carinhoso, tinha um bom e sólido emprego e não esbanjava dinheiro. Depois, sem que ela entendesse o motivo, João passou a reclamar cada vez mais da falta de condições para tudo. As brigas começaram, então. Ora brigavam porque ele achava que ela havia exagerado nas compras da casa, ora implicava porque ela comprara um vestido ou um sapato.

João não se justificava, apenas reclamava e brigava, cada vez mais, até que Edna, um dia descobriu sobre o vício do marido: cocaína. Tentaram juntos vencer aquilo, mas João fraquejara. Terminou perdendo seu emprego. Depois disso, pulou de firma em firma, decaindo cada vez mais, até que um dia Edna o vira em companhia de alguns homens suspeitos.

Dali até o assalto que o levou à prisão, foi uma questão de tempo. A jovem ainda sentia dentro de si a amargura de ser apontada na rua como a esposa de um assaltante. O desespero quase tomou conta dela. Edna era, porém, valente e orgulhosa. Resolveu reconstruir sua vida, sozinha. Mudou-se do antigo bairro, arrumou um emprego e, de João, não queria mais nada, a não ser distância. Desde então, nunca mais o vira. Ter que fazê-lo agora, era para ela, doloroso e constrangedor.

— Por favor, senhorita! Está atrapalhando a fila — disse-lhe o guarda, gentilmente.

Edna desculpou-se e caminhou pelo longo corredor, até uma sala ampla, com janelas gradeadas. Separados por uma malha de metal, estavam os prisioneiros, aguardando a visita. A jovem caminhou até a divisão numerada indicada pelo guarda, tão logo ela se identificou. Edna sentiu-se incapaz de olhar João nos olhos. Sentou-se. Um silêncio pesado pairou entre os dois.

— Senti sua falta, Edna — disse ele, olhando-a com insistência.

— Sim, eu sei — respondeu ela, ainda cabisbaixa.

— Fico contente em ver que você se decidiu afinal...

— João — ela o interrompeu.

— Sim? Quer me dizer alguma coisa?

Edna ficou em silêncio, medindo as palavras. Não queria dar a João uma falsa impressão sobre os motivos de sua visita. Tinha de desencorajá-lo, mas era difícil fazer aquilo.

— Não estou aqui pelo que você está pensando — disse ela, pausadamente. — Não é por você...

A jovem ouviu um longo suspiro e um estalar de língua. Arriscou levantar os olhos. João era um homem acabado. Havia emagrecido e deixara crescer a barba. Edna sentiu pena, apesar de tudo.

— Por que veio, então? Precisa de dinheiro?

— João, estou assustada... Muito assustada mesmo!

— Assustada? E o que a deixou tão assustada assim?

— Recebi uma visita inesperada. Dois homens à procura de um dinheiro que você deve a eles...

— Sei quem os mandou — comentou ele, com desinteresse. — Eles logo a deixarão em paz, não se preocupe.

— Não penso assim. Acham que sei onde você... Onde você escondeu o dinheiro do roubo.

— E pensam que eu direi a você? São loucos!

— Por favor, João, é o único modo.

— Não, Edna, não farei isso. Minha pena é curta, felizmente. Dentro de pouco mais de cinco anos estarei fora daqui, com cem mil reais só para mim. É meu seguro de vida, meu futuro e tudo que tenho, já que nem você eu tenho mais — falo ele, com mágoa.

— João, não entende. Eles ameaçaram me matar.

— Bobagens. Não matarão você. Nada ganham com isso!

— Como pode ser tão frio assim?

— Eles não farão nada contra você, quando se convencerem de que nada sabe sobre o dinheiro.

— E o que será preciso fazer para que eles se convençam?

— Nada, simplesmente deixe o tempo passar e ignore.

— Pensei que você tivesse mudado após o que aconteceu.

— Por que deveria mudar? Estamos bem agora, Edna. Você se libertou, estou disposto a lhe conceder o divórcio quando quiser.

— Penso que deveríamos ter feito isso há mais tempo, não?

— Sim, acho que sim.

— Está bem, esqueça — disse ela, levantando-se e saindo.

Não esperava, realmente, convencer João. Ele continua o mesmo dos últimos tempos: um irresponsável. A garota havia feito aquilo porque desejava se ver livre daquela ameaça que pairava contra ela. Não queria viver com aquela ameaça sobressaltando-a a todo momento. Era uma sensação horrível, como a que sentia, quando João saía para se drogar.

Após sair da prisão, não soube que destino tomar. Aqueles homens haviam prometido quarenta e oito horas de espera, antes de voltarem. Ela poderia deixar a cidade, desaparecer de Londrina sem que ninguém soubesse de seu paradeiro. Mas, quem poderia garantir que, naquele exato momento, um daqueles homens não a estivesse vigiando, acompanhando seus passos, pronto a agarrá-la se tentasse fugir. Começou a vagar sem rumo definido, tentando encontrar uma saída, afugentar aquelas preocupações que vinham abalar sua vida, quando pensava já ter conseguido uma certa tranquilidade.

* * *

Silas chegou em casa e imediatamente correu para a janela e olhou para o prédio em frente. Com decepção, notou as janelas fechadas e tudo às escuras. A jovem ainda não havia retornado e ele não soube o que fazer com o binóculo que trouxera. Aguardou impaciente por alguns momentos. Como ela não aparecesse, foi preparar alguma coisa para comer. Assim que o fez, arrastou uma poltrona para a janela e sentou-se, com os olhos presos no outro lado da rua.

Focalizou o binóculo, percorrendo todas as janelas. Flagrou algumas cenas familiares,

mas nada excitante como a visão que tivera na noite anterior. Colocou o binóculo de lado e abriu uma lata de cerveja. Bebeu lentamente, sempre olhando a janela do prédio em frente. Pensou nela, imaginou nomes, tentou compor a fisionomia da mulher desconhecida, enquanto o tempo passava.

Repentinamente, porém, uma lâmpada acendeu-se, jogando luz pelas frestas das persianas. Silas pôs-se em pé com o coração aos saltos. Uma das janelas foi aberta. Ele focalizou o binóculo, mas a garota estava de costas, caminhando para um outro cômodo do apartamento. Silas calculou que ela iria para o quarto, por isso dirigiu sua atenção para uma outra janela. Percebeu a luz, mas desta vez a garota não levantou a persiana.

— Vamos, meu bem! Abra essa janela — murmurou ele, numa súplica ansiosa.

A persiana continuou baixada. Silas olhou, então, para a janela aberta, esperando vê-la passar. Sua respiração aumentou quando ele a percebeu, de relance. A garota parecia vestir um roupão. Silas imaginou que ela fosse para o banho. Inconscientemente passou a compor os detalhes de cena. Viu-a aproximar-se do chuveiro, ligá-lo, pôr a mão na água para testar a temperatura.

Depois, ela soltou o roupão e seu corpo ficou nu. Silas suspirou apaixonado, imaginando as curvas, a pele, a feminilidade exposta. O rapaz sentou-se, fechando os olhos e continuando a imaginar. Em sua mente podia vê-la levantar primeiro uma perna, ensaboá-la, depois a outra. Quase podia sentir o perfume da espuma que cobria o corpo dela e que era carregada pela água morna que vinha do chuveiro.

Ele a viu úmida e fresca, perfumada e tentadora, com seus cabelos escorridos sobre o rosto que ele desconhecia. A seguir, ela se enrolou em uma toalha. Silas abriu os olhos e levantou o binóculo, ansioso para vê-la passar. E de fato ela passou, não envolta na toalha, mas vestindo o mesmo roupão. Seus cabelos não estavam molhados e escorridos, mas soltos. Detalhes insignificantes para ele. O importante era vê-la passar.

E a jovem passou para o outro cômodo e, quando retornou pouco depois, usava um vestido claro que realçava sua beleza. Ela ficou parada durante algum tempo no centro da janela. Silas, com satisfação, pode apanhar seu rosto. Os olhos eram ligeiramente amendoados, mas grandes e expressivos. Seu nariz era fino e delicado, sua boca pequena, de lábios espessos e vermelhos, tentadores e excitantes. O que chamou a atenção do rapaz, porém, era que a jovem parecia triste e assustada, talvez indecisa com alguma coisa. Tentou penetrar naquele rosto e descobrir os motivos, mas nada lhe ocorria, já que ela era uma total desconhecida para ele.

Silas continuou olhando, enquanto a garota movia-se pela sala. Depois, ela sumiu de sua vista demorou para aparecer novamente. Mentalmente refez-se todos os detalhes daquele rosto, passando-o para o papel. Achou que faltava alguma coisa no primeiro desenho, por isso fez outro, mais outro, uma porção deles, até se sentir satisfeito com o último deles.

Sim, era ela, perfeita em todos os detalhes. Com calma, ele desenhou o corpo da mulher, formando a sua figura exata.

— Olá! Sou Silas Pereira — disse ele, assim que terminou. — E você? Como se chama? Não, não diga. Deixe-me imaginar. Você deve se chamar Maria... Não, é muito vulgar. Talvez Suzana, um nome agradável e...

Interrompeu-se, julgando-se um grande tolo. Desligou a luz e voltou a olhar para a janela.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

